— POEMA DE CÓDIGO CONVENCIONAL

A LUTA ENDIABRADA DE UM BRAÇO

Tenho tanto medo de partir um braço
sobretudo o esquerdo, e tornar-me
absolutamente inútil. Como errar o mundo
sem errar a gramática? E como errar a gramática
sem um braço? Especialmente o esquerdo
danado e pungente, um bastão feminino
empenhadíssimo em dizer a história natural
no país dos cordiais?

Dizer a história natural é errar a gramática
e errar a gramática é errar o sujeito
regressar ao início dos inícios do planeta
à primeira casca de banana, tropeçar
no primeiro dos murros, escancarar-se
através da luta endiabrada de um braço
gago e engasgado, mínimo, pateta

o membro esguio de um corpo no espaço
um desvio promissor até ao presente

Ou a canção gigante

AMOR TRANSATLÂNTICO

Diz-lhe que volto hoje para casa.

Assim que chegar, pulando o portão
depois da alegria desenfreada dos cães
baterei à porta. Uma sílaba gigante.
Olhar-me-á com espanto, envelhecemos
as duas, tão depressa. Mãe.

Diz-lhe que volto amanhã para casa
e que a California me atrasou.

Assim que chegar, tocando à campainha
depois da alegria desenfreada dos cães
ela abrirá a porta. Uma sílaba tremenda.
Mãe. Toca-me sempre o rosto três vezes
para ver se existo. Não existo.

Diz-lhe que volto para casa mês que vem
e que a América do Sul me atrasou.

Ela estará à minha espera, sorrindo:
entre a alegria desenfreada dos cães
perguntará pelo que vi e escrevi.
São Paulo, Santiago, Bogotá
mil engenhos verbais, estudos

anatómicos, ruidosos, atómicos.
Sílaba extensa, um amor transatlântico.
“Não há vida para tantos incêndios”
dirá a mãe. “Poemas, talvez”.

Diz-lhe que volto para casa ano que vem
e que as palavras me atrasaram.

ACIMA DOS LIVROS E DA TERRA

O que dirá este braço
que já não tenha dito outro também
do amor entre duas raparigas?

Afinal
tão grandes quanto os teus olhos
são os gigantes e a biblioteca.

Treme, porém, a que olha para ti
e oscilando paira
                sobre cidades inteiras
astro menino e nervoso fora de curso
— Para sempre hoje, para quando amanhã?
dança a dança de cabeça radiante e aberta
perde-se, de descabelados os cabelos e as ideias,
entre assombros de arder, pois onde começa
e termina o que brilha?

Brilhantes, sim, a biblioteca
e os gigantes, mas por nenhum me caio
e pasmo. É que há vida lá fora
contornando o corpo

e pulsa, pulsam tu e a vida
acima dos livros e da terra.

AXÉ, MUNDO

Foi com as mãos curtas e besuntadas
que agarrámos a juventude. Ariscos
propensos ao tombo, lambíamos
com pressa e língua, o amor e os quadris.
O que julgávamos ser o amor, pisava:
bota imunda, grosseira, tão enorme
surra. Não sabíamos, não era tempo
que o corpo endura e sói reinventar-se
esplêndido, como um animal liberto.
Tampouco imaginávamos que, então
moído, o coração se dilataria como uma praia.

E depois vieram o golpe, um bramido
de sereia, aliciante, brutal, e a febre.
De nada nos valeram as tisanas, sequer
o intelecto a poucos, esparsos metros
da desgraça. A carne chupava-se toda
sem soluçar, até ao tutano. Muito rápido
viramos carcaça, um traste sem forma e
bracejando, numa briga cortante e acesa
com a ruindade, perdemos a mão e a vara.
Quanto pavor da apressada bagunça, da
burla, do irreparável fracasso apontado à garganta.

Foi quando cedemos. A queda pela manhã.
Não sabíamos, não tínhamos como saber
que o amor, rasteiro e simples, aplacava
a fome, que mais tarde o aprenderíamos
como aprendemos o verbo. E a obstinada
triste perna, estremecendo ao tropeçar
não deixou de conduzir este braço que
surgido da tal escuridão, quis acenar
cinicamente ao mundo. Axé, mundo
quantas manhas mais me trarás ainda?
E o mundo soprou até à casa de onde sorríamos.

Foi quando cantámos. A gentil melodia
a abrir-se toda como ondas às palavras
colhendo umas, rechaçando outras, a vida
estirando-se ao sol, comprida, e o corpo
ao redor dela, a pô-la no regaço. Afinal
a alegria, que chega inteira, não esmaga.
O canto, essa violência afetuosa, crescerá
e eu crescerei, dançando só, ao tactear
às escuras a vida no verso designado
e ardente. Noto como caibo e entro, enfim
no fazer e na solidão. E é então que compreendo.

— TEXTO E FOTOMONTAGEM

O KIT DE SOBREVIVÊNCIA DO DESCOBRIDOR PORTUGUÊS NO MUNDO ANTICOLONIAL

PDF

— VIDEOPOEMA

DAEDALUS 22/1

HTTP://PATRICIALINO.COM/DAEDALUS

AUTORRETRATO COM FUTURO

PATRICIALINO.COM/FLUP

VENTILADORA FULÔ.

VARIAÇÕES SOBRE GALÁXIAS *DE HAROLDO DE CAMPOS*

PATRICIALINO.COM/GALAXIAS

VARIAÇÕES SOBRE A SAUDADE

PATRICIALINO.COM/SAUDADE

— POEMA MIXADO

IWHOCANNOTSING.COM

— **POEMA PERFORMÁTICO**

PATRICIALINO.COM/ORACAO

PATRICIALINO.COM/VISUAL-POEM-IS-LOOKING-FOR-LITERARY-CRITIC-TO-HAVE-A-SERIOUS-RELATIONSHIP

— **POEMA TRIDIMENSIONAL**

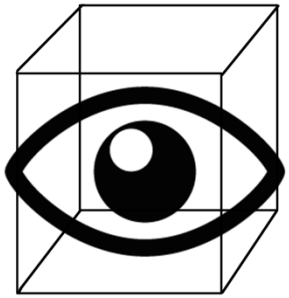
PATRICIALINO.COM/MUSEU-DOS-DESCOBRIMENTOS

PATRICIALINO.COM/BINOMIO

— POEMA EM QUADRINHOS

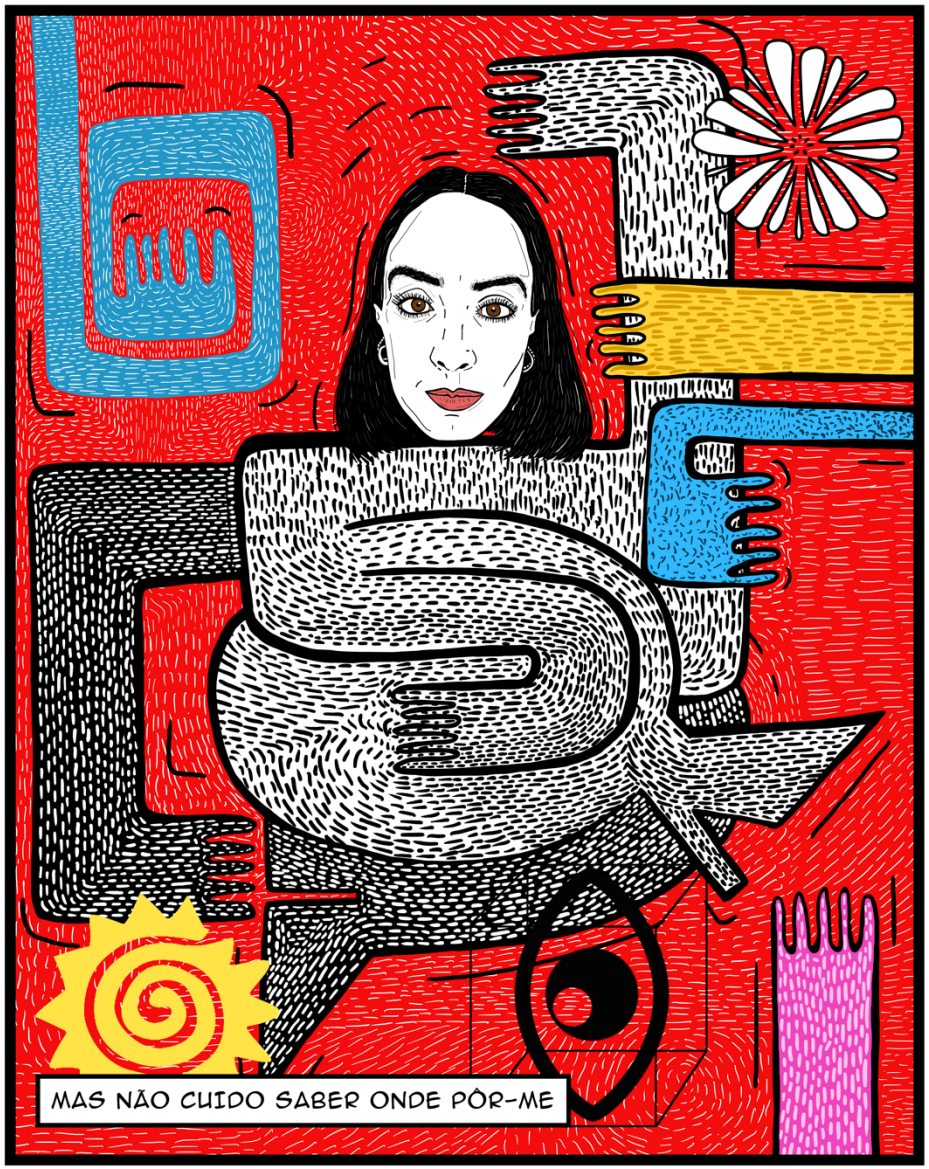
PREOCUPAÇÃO

Cuido saber onde pôr as vírgulas
mas não cuido saber onde pôr-me



preocupação

CUIDO SABER ONDE PÔR AS VÍRGULAS


MAS NÃO CUIDO SABER ONDE PÔR-ME

O meu braço translúcido
e plagiotrópico
reescreve a tradição
obliquamente

Chegará ainda o dia em que me elogiarão de torta
e em que eu poderei finalmente dizer

Que dores terríveis de costas

O MEU BRAÇO TRANSLÚCIDO

E PLAGIOTRÓPICO

REESCREVE A TRADIÇÃO

OBLIQUAMENTE

CHEGARÁ AINDA O DIA EM QUE ME ELOGIARÃO DE TORTA
VOCÊ É EXCEPCIONALMENTE TORTA

E EM QUE EU PODEREI FINALMENTE DIZER

QUE DORES TERRÍVEIS DE COSTAS

Meu deus, faz com que eu seja sempre uma poeta
terrena

Tudo
menos babaca

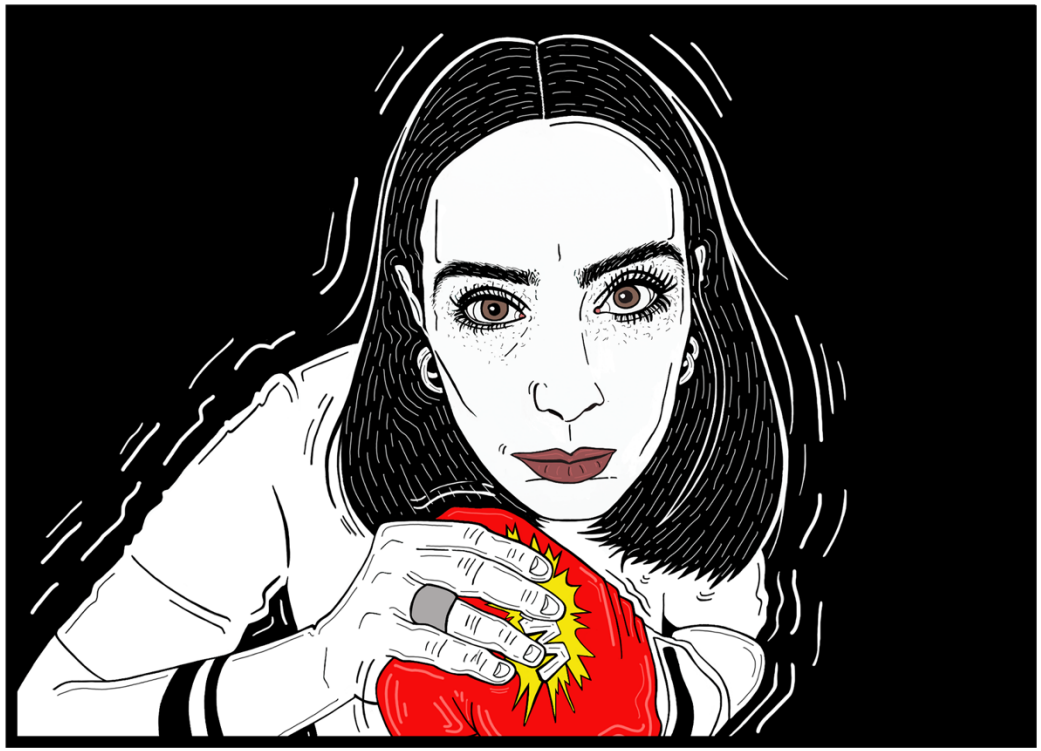
MEU DEUS
FAZ COM QUE EU SEJA
SEMPRE
UMA POETA
TERRENA

TUDO
MENOS BABACA

NO RINGUE COM A MUSA

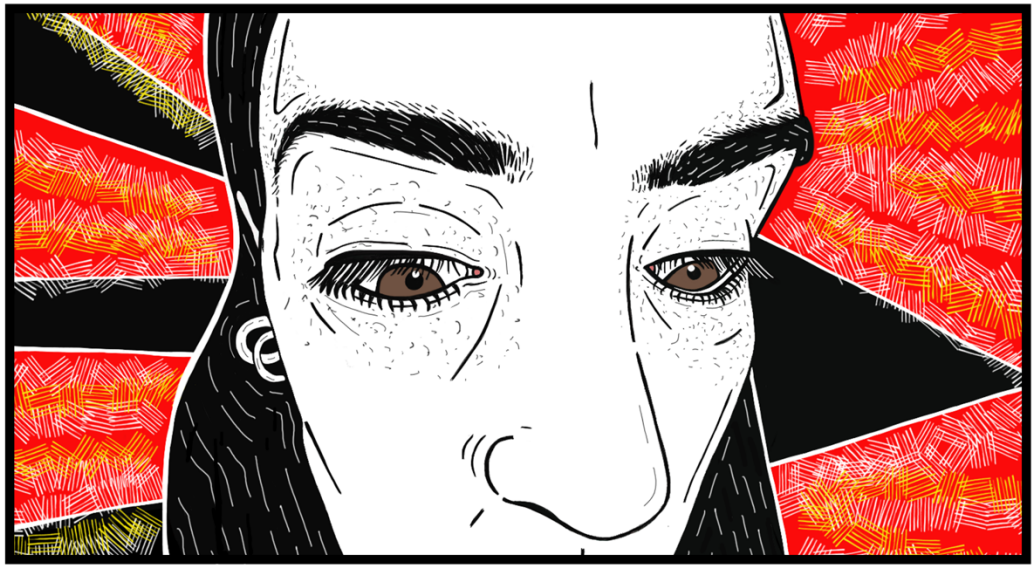
A multidão gritou
o árbitro contou até três
a campainha soou

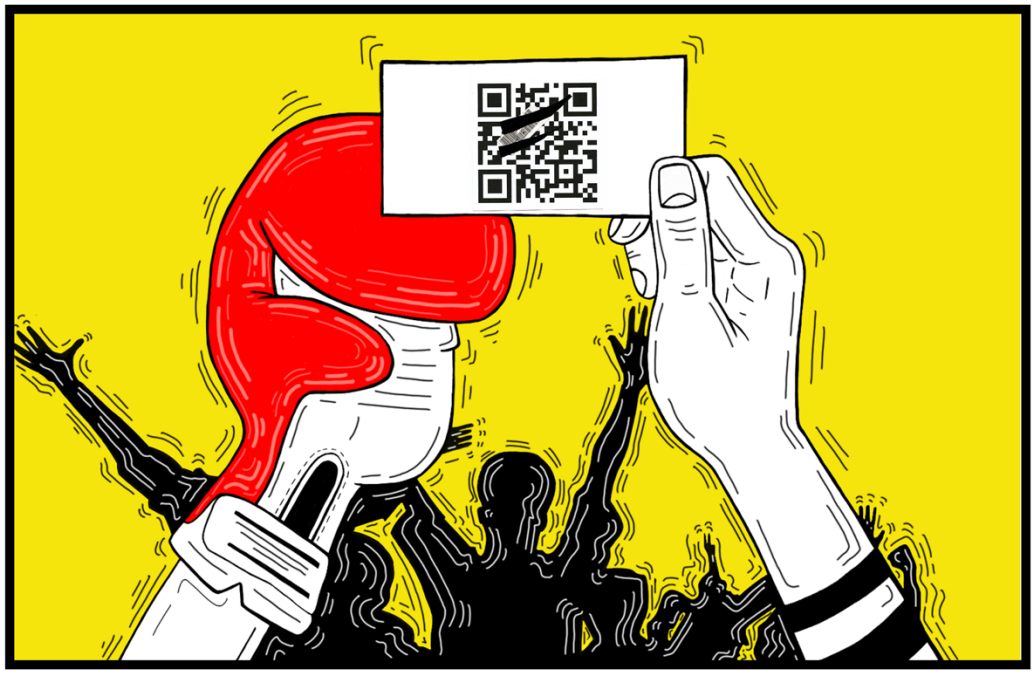
ela não veio

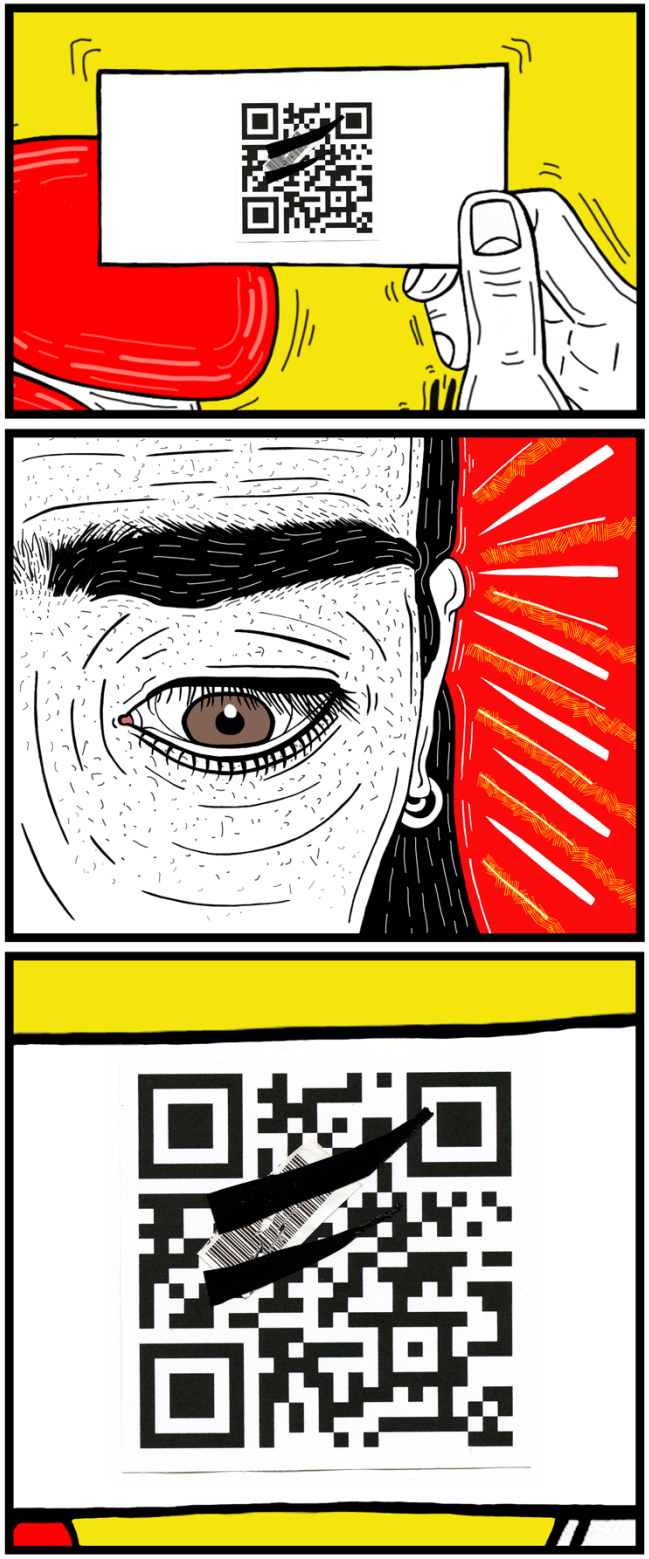


A MULTIDÃO GRITOU
W

O ÁRBITRO CONTOU ATÉ 3







A CAMPAINHA SOOU
DING
DING
ELA NÃO VEIO

AULA DE MÚSICA

Héracles chegou atrasado carregando a lira pelo jugo.
Expirava furioso ao pousá-la sobre o colo
quando Lino o repreendeu. Héracles endireitou-se e
repetindo os gestos dos companheiros
tocou o primeiro acorde.

A lira vibrava em desespero
Orfeu e Tâmiris suspiraram.

Lino interrompeu a pequena orquestra e
depois de encaminhar-se sorridente para Héracles
acomodou-lhe os enormes e desastrosos dedos entre as seis cordas.

Pediu-lhe que tocasse de novo.
Héracles tocou.

Lino, filho de Urânia e Apolo
inventor da melodia
vencedor dos jogos dos Argivos
o primeiro a cantar ao som da harpa
moveu então para cima o indicador mastodôntico do filho de Zeus
sem antecipar
porém
que o estudante se levantaria.

Héracles levantou-se, o professor encolheu-se
perante o seu braço musculado erguendo a pequena lira no ar.

Lino pôde soltar três lamentos inaudíveis até que Héracles o esmagasse.

Orfeu e Tâmiris correram em seu socorro
lira e cabeça abertas ao meio
pois não perde sempre a delicadeza para a força bruta?
E a Grécia chorava.

PATRÍCIA LINO

AULA DE MÚSICA